

QUILOMBOLAS em AÇÃO!

*Boletim Informativo do Projeto Rede Observação e Observatório
Campos dos Goytacazes - N° 01 - Novembro de 2023*

PAUTAS E PROPOSTAS DO QUILOMBO LAGOA FEA

1. **Transporte público.** A única linha que atende a comunidade (Dores - Campos - Centro) da Viação Jacarandá oferece ônibus sucateados, demoram e chegam lotados.
2. **Saúde pública.** O posto de saúde da comunidade não tem ambulância, e os moradores precisam usar seus carros particulares para transportar as pessoas até o posto.
3. **Escola Quilombola.** Pois é um currículo voltado para a história, memória e oralidade da comunidade, ou seja, fortalece a identidade da comunidade quilombola em seu território. E contempla também a agricultura familiar da comunidade, já que a alimentação é diferenciada.





A CULTURA QUILOMBOLA: ENTREVISTA COM SR. CARLITO

Senhor Carlito, morador de 92 anos da comunidade quilombola de Lagoa Fea, compartilhou algumas das histórias vividas na comunidade e as mudanças que percebeu ao longo dos anos. Ele destacou as transformações significativas que ocorreram, especialmente em relação às tradições culturais. Antigamente, a comunidade quilombola de Lagoa Fea era um lugar rico em cultura e tradições. Havia eventos como bailes de jongo e o famoso fado, que eram parte integrante da vida dos moradores. Os bailes de fado aconteciam em um salão na Rua da Mandioca, onde todos eram bem-vindos. No mesmo local onde também ocorriam procissões há cerca de 80 anos atrás.

Havia uma diferença notável entre o jongo e o fado. No fado, as festas duravam até o amanhecer, com violeiros, cantadores de fado, palmas e sapateados, além do uso de instrumentos como o pandeiro, feito de couro de boi que era de um antigo morador, o Sr. Sininho (in memoriam). Já no jongo, tinha um único tambor e as canções eram feitas pra zombar o próximo.

Os moradores de Machadinha costumavam caminhar até o quilombo, atravessando o rio a nado ou em canoas pelo acesso na Estrada da Barra. No entanto, ao longo dos anos, a rica cultura quilombola se perdeu. Os antigos cantadores de fado e jogo faleceram, incapazes de transmitir suas tradições aos mais jovens, que agora estão mais interessados em estilos musicais como forró e pagode.

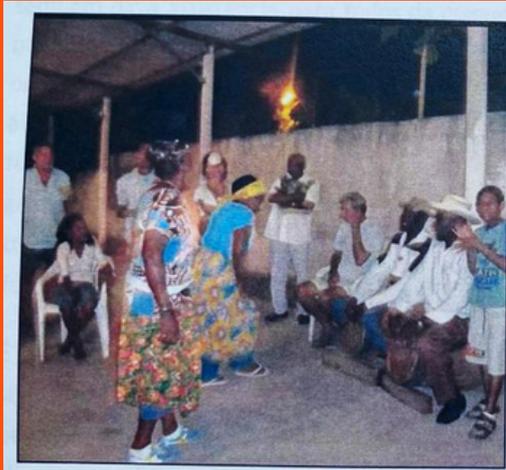
A construção da estrada também trouxe mudanças substanciais para a comunidade. Antigamente, as pessoas precisavam caminhar até a cidade, pois não havia estrada. E na ausência de médicos, contavam com rezadeiras, parteiras e chás de ervas para cuidar da saúde. Infelizmente, muitas dessas plantas medicinais já não são encontradas na região.

Seu Carlito também mencionou que o primeiro cemitério da região ficava na comunidade, lá no Pau Ferro, perto da usina, às margens de um brejo. Esse cemitério foi realocado para Dores de Macabú, e os corpos dos antigos moradores permanecem na usina. Houve, ao longo dos anos, conflitos com os moradores de Dores, até mesmo a imagem de Nossa Senhora das Dores, que antes era venerada em Lagoa Fea, foi transferida para localidade vizinha. Vale ressaltar que o quilombo de Lagoa Fea foi “construído” antes de Dores.

As casas antigas da comunidade eram construídas com materiais naturais, como sapê, bambu, barro e cipó. Os telhados eram feitos de bambu e sapê, e também utilizavam taboas encontradas no rio. A vida cotidiana incluía fogões a lenha dentro de casa, e até mesmo as camas eram feitas de bambu.

Um recado para os mais jovens: vocês jovens, têm que ouvir as histórias dos mais velhos para amanhã ou depois contar essas histórias para os próximos jovens.

O JONGO



Fonte: Arquivo da pesquisadora Fernanda Conceição Bastos Freitas, captada para o laudo antropológico de Dores de Macabu em 2010. Acervo Museu Afrório-UERJ.



Fonte: Arquivo da pesquisadora Fernanda Conceição Bastos Freitas, captada para o laudo antropológico de Dores de Macabu em 2010. Acervo Museu Afrório-UERJ.

O Jongo é uma expressão cultural e artística com origem nas comunidades quilombolas do Brasil. O Jongo representa uma resistência cultural, preservando as tradições ancestrais e celebrando a história do povo quilombola. Essa tradição combina música, dança e canto, enraizada nas tradições africanas trazidas durante o período colonial. Essa dança é composta por uma roda, com músicos tocando tambores, enquanto os participantes cantam e dançam ao som da música. As canções abordam temas como a história, críticas sociais, lutas por liberdade e homenagens aos ancestrais, sendo transmitidas de geração em geração, fortalecendo a identidade das comunidades quilombolas e enriquecendo a diversidade cultural do Brasil.

O Jongo na comunidade quilombola de Lagoa Fea sofreu um declínio significativo devido ao falecimento dos membros mais idosos, que eram os guardiões das tradições culturais. Com a perda dessas pessoas como Seu Sininho, Zizoca, Maria Efigênia, a transmissão oral e a prática do Jongo enfraqueceram ao longo do tempo.

Entretanto, a comunidade está empenhada a retomar essa cultura e preservar suas raízes ancestrais. Por meio de esforços de resgate cultural e envolvimento de gerações mais jovens, a comunidade busca retomar o Jongo e celebrar essa valiosa expressão artística que faz parte de sua identidade e história."

**Madalena morreu ontem/
Ontem mesmo enterrou/
Na cova de madalena/
Nasceu um buquê de flor.**

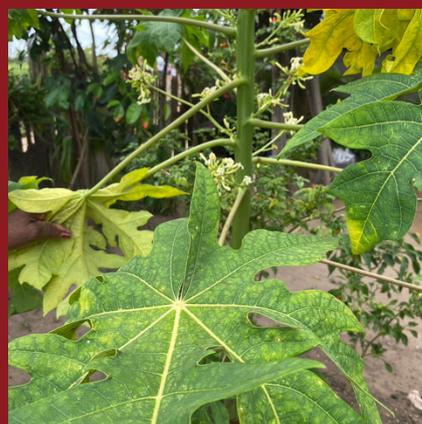
**Em santa cruz tem um boi que sabe ler/
O meu cachorro sabe bem mais que você.**

TRADIÇÕES MEDICINAIS

Máxima Maria Nolasco, 76 anos, nasceu e cresceu no quilombo de Lagoa Fea, onde se dedica ao uso de ervas medicinais desde o nascimento de seu primeiro filho. Com sete filhos, Máxima utilizou o broto de Imbaúba para tratar bronquite e óleo de Rícino para resolver problemas de barriga inchada em crianças. Além disso, utiliza Erva Cidreira, Capim Limão, Hortelã Pimenta, Poejo, Alevante, folha de mamão, Pico Preto e Boldo para tratar diversas enfermidades.

Seu conhecimento em ervas foi transmitido por sua mãe, Enedina, que atuava como parteira na comunidade. Máxima criou todos os seus filhos sem a necessidade de levá-los ao hospital, confiando em rezadeiras e na utilização de chás medicinais. Além disso, praticava rituais tradicionais, como o uso de Arruda com cachaça após o parto e o consumo de Água Inglesa para limpeza interna. O uso de Merthiolate, Arnica e Aroeira era comum para tratar ferimentos, sendo as rezadeiras consultadas antes de administrar chás para curar barriga inchada. Até hoje, ela prepara xaropes caseiros para filhos e netos durante gripes.

Gineia, 54 anos, também residente em Lagoa Fea, seguiu os passos da mãe como praticante de ervas medicinais, usando Saião para xaropes e chás de Hortelã, Poejo e Arruda para dores abdominais. Gineia utiliza ervas como folhas de mamão macho e Pitanga/Acerola para preparar os xaropes. Seu conhecimento foi transmitido por sua mãe, que era rezadeira, e tratava diversas condições, incluindo ventre caído, mau olhado, dor de cabeça e dor de dente. Apesar da tradição familiar, nenhum membro demonstra interesse em continuar essa prática.



CONTATOS E REDES SOCIAIS REDE OBSERVAÇÃO

Site: www.pearedeobservacao.com

Instagram: @pearedeobservacao

Correio eletrônico: cgoytacazes.redeobservacao@ambiental.rio

Endereço: Av. Mário de Abreu S/n. Campos dos Goytacazes - RJ

A realização do PEA Rede Observação é uma medida de mitigação do Licenciamento Ambiental Federal, conduzida pelo IBAMA

